

# Etnografia como orientação teórica e metodológica na EPT

Marcia Valéria Paixão<sup>1</sup>

“o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado” (Geertz, 1989, p.15).

## 1. Introdução

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) reconhece a necessária articulação da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) com o mundo do trabalho e as práticas sociais e não separa a atividade teórico-prática, preconizando um sujeito ativo. Uma noção de sujeito que tem voz, que se comunica, se expressa, que age e interage, que compreende e interpreta a realidade. Nesse sentido, para a compreensão de uma prática social, seria preciso dialogar com ela, em busca de conhecer, revelar e interpretar a imensidão de significados, motivos, crenças, atitudes nela presentes, criando um espaço de interação e de possibilidades de manifestação de vozes, assumindo a realidade como algo que não pode ser apenas quantificado.

Por isso a importância das pesquisas qualitativas na EPT. Elas têm como foco a compreensão da realidade social, de processos e fenômenos onde o “significado é o conceito central da investigação” (MINAYO, 1994, p. 23). Quando o pesquisador tem uma pergunta, o ambiente da prática é a fonte direta dos dados/informações e o

---

<sup>1</sup>Doutora em Administração e Pós doutora em Antropologia Cultural. Instituto Federal do Paraná. Email: valeria.paixao@ifpr.edu.br. Orcid:

objetivo é descrever e compreender essa prática, interpretando o processo por meio do qual os sujeitos lhe atribuem significados. Nessa perspectiva, as pesquisas qualitativas podem auxiliar a coletar informações ao combinar uma série de métodos.

Nesse contexto, Rockwell (1986) vai afirmar que a etnografia cumpre o papel de interpretação dos processos, das interações sociais e das práticas que constituem a complexidade das atividades diárias das pessoas. Seu objetivo é a compreensão dos significados que os sujeitos atribuem a seu contexto sociocultural por meio do acesso às suas experiências e interações inserindo o pesquisador no contexto natural e que vai interpretar o fenômeno a partir do olhar dos sujeitos integrantes da pesquisa (ATKINSON e HAMMERSLEY, 1994), deslocando o objeto de investigação do indivíduo para as práticas de uma comunidade concreta.

Assim, diante do exposto, o objetivo desse estudo é refletir, usando de uma metodologia de caráter exploratório, sobre a etnografia enquanto paradigma e metodologia de pesquisa dentro dos estudos das práticas sociais na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

A relevância para o debate está em mostrar como a etnografia como paradigma de pesquisa pode explicar as relações entre a ação humana, de um lado, e as situações culturais, institucionais e históricas em que essa ocorre, de outro. Afinal, a EPT corrobora um espaço de articulação de atividades humanas inseridas no contexto das práticas sociais.

E sob o olhar epistemológico deste estudo, para entendermos determinadas práticas, é necessário conhecermos metodologias que levem o pesquisador a olhar para essas como processos de significação histórica e culturalmente situados. Assim, lançar mão de métodos da etnografia pode auxiliar pesquisadores da EPT a compreenderem “o que está acontecendo”, dando voz a um homem que é concreto e que é social.

## **2. A Teoria da Atividade Histórico Cultural**

Sob o olhar epistemológico da Teoria da Atividade Histórico Cultural nascida com Vygotsky, cujas ideias estão apoiadas nos princípios do materialismo dialético e tem como o estudo da atividade histórica concreta um dos seus fundamentos, entendemos que um fenômeno só é passível de análise quando inserido no contexto social e cultural e, ainda, que os atos de significação são o ato “de isolar o lado teórico dos objetos, e a aquisição da linguagem pelos

indivíduos é a aquisição da significação na forma de percepção” (LEONTIEV, 1978, p.18).

Então, todo o contexto cultural no qual uma ação está inserida tem de ser considerado para a compreensão do que está acontecendo, pois, é diante da relação dos elementos com o contexto que emerge o significado que esses elementos desempenham no padrão da vida do sujeito (GEERTZ, 1989). Para compreender, então, práticas dentro de condições sociais e históricas específicas, é preciso que o pesquisador não se limite ao ato contemplativo.

Para a Teoria da Atividade Histórico Cultural o estudo dessas práticas tem como unidade básica o conceito de “atividade”. A estratégia a ser adotada deve voltar-se a um caso específico, delimitado, contextualizado em tempo e lugar e cuja interpretação dos dados se dê no contexto (PAIXÃO, 2014). Uma investigação que considera a sua significação, admitindo que o sentido e o significado se produzem nessas práticas sociais, onde a atividade humana mediada tem a linguagem como elemento integrante, produzida e reproduzida no interior dessa prática, o que faz com que o pesquisador tenha que dar voz aos sujeitos da pesquisa.

Concordando com Leontiev (1978), entendemos o contexto como um elemento da síntese dialética entre os sentidos, pessoais e particulares dos sujeitos na atividade e as significações coletivas e estáveis na cultura. É o tempo, o espaço, o lugar e a sequência de eventos que, consideradas todas as relações de significado estabelecidas entre participantes da atividade mais a soma desses elementos, vão formar o contexto. A estrutura de referências adotada pelos sujeitos, a forma através da qual esses sujeitos organizam e interpretam a experiência de modo pessoal, é o **significado social do fenômeno**.

A perspectiva etnográfica possibilita o estudo de aspectos particulares do cotidiano, implicando na revelação e interpretação das práticas sociais a partir da situação em que ocorrem (GREEN e BLOOME, 1997). O pressuposto é de que o conhecimento do mundo social pode ser gerado pela observação e pela participação em situações interativas no ambiente onde o fenômeno ocorre. O pesquisador observa e participa de forma dialética e produz, junto com os sujeitos objeto de estudo, os sentidos dos eventos (PAIXÃO, 2014).

### **3. A prática social e a atividade humana**

A prática social é um conjunto de atividades humanas onde os sujeitos formam grupos sociais. Essas atividades não se dão

pela ação de indivíduos isoladamente. Portanto, o estudo de uma prática social deve considerar a “omnilateralidade” de Karl Marx, ou seja, sua totalidade: sujeito e sua relação com o outro. Além disso, não é possível desprezar o referencial teórico com o qual se dialoga e que vai possibilitar a reflexão sobre o fenômeno.

Para Gherardi (2009), as práticas são atividades que adquirem significado no contexto e ganham unidade; são temporais, devem ser repetidas várias vezes para serem socialmente reconhecidas como um modo de fazer, ganhando caráter de historicidade e pressupõem um sistema institucional que as orienta e interfere como mediadores. Para Leontiev (1978), esse sistema - cultural, social, político, histórico, econômico - rege as relações sociais e regras de conduta, por isso, a unidade de análise não pode ser o indivíduo, e sim a atividade coletiva.

Leontiev (1978) ainda vai afirmar que o desenvolvimento da atividade humana em uma concepção dialética com seu objetivo (motivo), ações, operações, instrumentos, signos e mediadores passa a ser o contexto, ou seja, “a atividade em si é o contexto”, e a estrutura de referências adotada pelos sujeitos é o significado social do fenômeno.

Quando Leontiev expande o primeiro princípio da atividade individual proposto por Vygotsky para o segundo princípio, o da atividade coletiva, ele vai constatar que as relações sociais do indivíduo são sempre mediadas por outros em um processo de comunicação. Mesmo as tarefas individuais são sempre determinadas por práticas socioculturais, signos, ferramentas, crenças e valores que as ligam ao coletivo (LEONTIEV, 2004). Assim, a compreensão de uma atividade está em analisar a coletividade e seus enunciados, onde os resultados produzidos por um grupo, os comportamentos, as crenças tomam forma concreta convertendo-se em produto de pesquisa (ANGROSINO e FLICK, 2009).

Isso porque o ser humano possui a necessidade de atribuir significado e sentido ao mundo, construídos sobre um sistema de símbolos. Esses símbolos possuem significações à medida que são compartilhados por membros de um grupo social, e essas significações se organizam entre si formando uma visão de mundo, um conjunto de ideias e valores comuns a um grupo de indivíduos, de representações coletivas que são produtos da atividade social (BERGER e LUCKMANN, 2003).

#### **4. A etnografia como paradigma e metodologia de pesquisa**

Toda pesquisa científica é uma produção discursiva edificada sob um paradigma. Pesquisas de cunho objetivista buscam identificar relações entre variáveis, estabelecer e testar hipóteses por meio da coleta estruturada de dados que se utilizam de técnicas estatísticas para o seu tratamento a fim de generalizar resultados. Mas quando se busca dar voz aos sujeitos de pesquisa, essa assume um caráter subjetivo e qualitativo e o caminho para a compreensão é outro. O pesquisador entende que a realidade é construída por interpretações do real feitas pelos sujeitos nos contextos sociais em que ocorrem (SARMENTO, 2003). Não há generalização e a análise dos dados/informações recolhidos é interpretativa (VERGARA e CALDAS, 2005).

Para Denzin e Lincoln (2005), as pesquisas qualitativas vão localizar o pesquisador no mundo para fazer emergir as representações e significações vindas dos próprios sujeitos da prática social, os significados que os sujeitos conferem ao fenômeno em estudo. Então, para apreender e interpretar esses significados, os autores propõem o uso de mais de uma prática interpretativa que lance mão de várias técnicas por meio de um processo dialógico que demanda o uso de várias ferramentas e que interprete os resultados a partir do olhar dos sujeitos (PAIXÃO, 2014). Um desses caminhos é a etnografia.

A etnografia como direcionamento de pesquisa exige um processo construtivo, interpretativo e histórico onde os significados que dão sentido à informação são obtidos em decorrência do seu próprio processo, valorizando o contexto dos sujeitos por meio da compreensão que eles possuem dele, focalizando o particular como instância da totalidade social (PAIXÃO, 2014). As ações individuais devem ser interpretadas no cenário em que se realizam, pois as práticas humanas são socialmente construídas e situadas e se dão pela participação mediada em atividades socioculturais (VYGOTSKY, 1978). Indivíduos são capazes de representar suas ações e expressá-las de forma objetivada.

Assim, são analisados os aspectos simbólicos e culturais da atividade social, os enunciados, os comportamentos, os artefatos, as interações, as crenças, as emoções e os sentimentos, os sentidos atribuídos para os fatos, como interpretam suas experiências ou como estruturam o mundo onde vivem (SARMENTO, 2003).

Por isso, o “significado” é essencial quando o estudo vai

lançar mão da etnografia. Para Bogdan e Biklen (1994), a descrição densa que o pesquisador realiza requer o entendimento dos significados que os sujeitos pertencentes à atividade em estudo manifestam, não os fatos em si, mas a ação social desse, “buscando explicar e interpretar expressões sociais” por meio da teoria que apoia conceitualmente tal interpretação (GEERTZ, 2008, p.4). São esses significados que serão apresentados como resultados da pesquisa.

Os significados são produções históricas e sociais que permitem a comunicação e a socialização das experiências dos sujeitos, ou seja, os conteúdos instituídos, compartilhados, apropriados e configurados a partir das próprias subjetividades dos sujeitos. “Atividades, tarefas, funções e as compreensões são partes de um sistema de relações onde ganham significado e são socialmente compartilhados...” o que vai dar lugar aos coletivos (PAIXÃO, 2014, p.19) e a interação fornece uma base interpretativa a partir da qual os indivíduos vão atribuir significado às suas próprias ações e a dos outros (WERTSCH, 1985), ou seja, o significado é construído através da atividade conjunta.

Para Leontiev (1981, p. 100), “o significado é fixado na linguagem, o que lhe confere a sua estabilidade”. O significado permite que os indivíduos se apropriem das experiências. Portanto, a linguagem se torna fundamental quando se busca descrever e compreender os significados do discurso social de um grupo a fim de transformá-lo em conhecimento científico (ANGROSINO e FLICK, 2009). A natureza material da atividade não pode desconsiderar a linguagem como uma produção social. Sendo a atividade humana social e mediada, a linguagem é elemento integrante da prática social, produzida e reproduzida no interior dessa prática. É por meio dela que o sujeito vai objetivar a realidade. Ela é indissociável da prática e elemento de retratação das contradições das experiências concretas e históricas dos sujeitos (PLETNIKOV, 1990).

Para Vygotsky (1986), enquanto a atividade prática tem caráter externo, é orientada para a transformação de um objeto, a linguagem tem caráter interno, por meio da qual o indivíduo vai refletir o mundo exterior. Assim, entendemos que a linguagem é de fundamental importância para a compreensão das atividades humanas. A “unidade de análise de Vygotsky é a palavra contextualizada...o discurso do sujeito” (WERTSCH, 1991, p. 53).

Desta forma, para a apreensão da “palavra”, temos um pesquisador, corroborando as afirmações de Tedlock (1986), que vai observar as práticas sociais, os códigos enraizados na

comunidade em estudo, dialogar com os participantes dessa prática, analisar e, então, falar sobre elas. A análise, que é interpretativa, trata, então, do desvendar do significado humano, da vida social, onde o pesquisador expõe o ponto de vista dos sujeitos em estudo (ERICKSON, 1986). E o registro é o descrever o que está estabelecido e não registrado. Para Geertz (1997), o local e o particular como espaços de um estudo empírico levam à descrição e compreensão de processos e à construção de conceitos e teorias. Esse estudo do local e do particular leva Geertz (1997) a afirmar que um estudo etnográfico é um estudo sobre casos.

Para tanto, a etnografia combina vários métodos de investigação para produzir descrições pessoais que são situadas e representativas de vidas humanas, fazendo dela um processo e uma prática de análise cultural. Por isso, a etnografia é considerada, além de uma orientação teórica, “um paradigma filosófico dentro da antropologia” (TEDLOCK, 1986, p.455).

Por esse motivo, Denzin e Lincoln (2005) vão apontar as pesquisas qualitativas, uma atividade situada, como aquelas que vão localizar o pesquisador no mundo e que vai fazer emergir as representações e significações vindas dos próprios sujeitos da ação, os significados que os sujeitos conferem ao fenômeno em estudo. E como para apreender e interpretar esses significados é necessário mais de uma prática interpretativa e que lance mão de várias técnicas, Denzin e Lincoln (2005) classificam este tipo de pesquisa como uma tarefa difícil.

E para Atkinson e Hammersley (1994), é a Etnografia que vai permitir ao pesquisador o acesso às experiências, comportamentos, interações, utilizando de técnicas para levantamento de dados qualitativos por meio de observação e interpretação das interações humanas a partir do olhar dos sujeitos participantes da pesquisa. É, portanto, “um estudo onde o pesquisador de campo tem o cuidado de ligar os fatos que ele observa com as características específicas do contexto em que esses fatos ocorrem e que estão ligados às contingências históricas e culturais” (BASZANGER e DODIER, 1997, p.10).

Então, para compreender essa realidade e o ser humano em sua totalidade, entendemos a etnografia como um paradigma para a construção de um caminho metodológico capaz de captar a organização de vida dos sujeitos a serem pesquisados segundo seus próprios pontos de vista (LAPLANTINE, 2004). A etnografia é feita *in loco* e o etnógrafo é, na medida do possível, alguém que participa subjetivamente nas vidas daqueles que estão sendo

estudados, assim como um observador objetivo daquelas vidas (ANGROSINO e FLICK, 2009, p.31).

## **5. O caminho metodológico**

A pesquisa de campo etnográfica é o estudo do **outro**, o olhar e ouvir o outro de forma verbal e não verbal, onde, de forma dialética, o pesquisador busca a compreensão de como os sujeitos entendem sua própria prática. Não há receitas prontas, mas algumas etapas podem ser apontadas.

Naturalmente, a primeira etapa é o estudo teórico. Para a realização de qualquer pesquisa é preciso uma base teórica sobre o tema investigado (MAINARDES, 2009). Podem ser feitos estudos históricos, análise de documentos, revisão bibliográfica de pesquisas feitas sobre o tema em livros, artigos de revistas, etc. O objetivo é reedificar o saber já produzido sobre o que será pesquisado. A teoria vai auxiliar o pesquisador a compreender a realidade buscando seus significados, sendo, assim, etapa primordial. Ainda, é o embasamento teórico que dará o suporte para a realização da pesquisa de campo e a interpretação dos achados.

Também é necessário que o ambiente da pesquisa seja descrito. A prática social a ser estudada é o recorte empírico da pesquisa, o que torna importante que seja salientado o porquê da escolha do grupo, a sua relevância. Sob a perspectiva adotada neste estudo, a prática em si é o contexto. É um sistema de significados dos quais os sujeitos se utilizam para organizar seu comportamento, ter a compreensão de si mesmos e dos outros, dando sentido ao mundo, por isso, a importância de o pesquisador conhecer as condições em que o contexto, a prática, a atividade é produzida, o que faz com que o estabelecimento de vínculo com o grupo seja essencial.

Em relação aos métodos e coleta de informações, Angrosino e Flick (2009) destacam a tríade: observação, entrevista e pesquisa documental, uma triangulação metodológica. Esses métodos são usados em conjunto e geram um acúmulo descritivo de detalhes para uma necessária triangulação das informações. Isolados, não são capazes de retratar a totalidade da prática social em estudo (GEERTZ, 2008).

Para uma coleta mais eficiente, o pesquisador deve estar preparado para construir situações de trocas. Manter um caderno de anotações, usar de filmagens e gravações, juntamente com o diário de campo é essencial para que uma transposição fiel das falas

seja elaborada. As anotações devem dar vida às observações e às falas com detalhes suficientes para ajudar o pesquisador e, depois, o leitor do estudo, a compreender tanto os significados quanto o contexto de pesquisa (ATKINSON e HAMMERSLEY, 2007).

Malinowski (1976) vai afirmar que apenas por meio da observação participante o pesquisador tem a possibilidade de compreender como sujeitos entendem sua própria prática. Ela acontece desde a entrada do pesquisador no campo até sua saída e vai permitir o compartilhamento de experiências entre pesquisador e pesquisados. Por isso a necessidade de anotações e registros no diário de campo.

Simultaneamente à observação participante, devem ser realizadas as entrevistas etnográficas, que são conversações não estruturadas provocadas pelo pesquisador com os sujeitos de pesquisa. O objetivo é coletar informações verbais e não verbais que serão transcritas a fim de gerar narrativas úteis para a pesquisa. Sujeitos, ao participarem de uma atividade, articulam com os significados socialmente construídos pelo grupo o que dá origem à produção coletiva de significados. Por isso o papel da etnografia quando busca por meio de narrativas individuais, nos registros das observações e em documentos, tais significados.

Ela deve ser iniciada com uma pergunta introdutória e aberta, como com o pedido de que o entrevistado trace uma breve biografia, sua trajetória até a chegada daquela prática, a forma como entrou no grupo, seus motivos. Após, os pesquisados vão negociando significados e o pesquisador interpretando as respostas que estão sendo desenvolvidas encorajando o entrevistado a falar, saindo do plano textual para a ação (PAIXÃO, 2014).

Já a pesquisa documental possibilita ampliar o entendimento do fenômeno por meio de sua contextualização histórica e sociocultural. Pode ser desenvolvida a partir de várias fontes como leis, documentos institucionais, regulamentos, fotos, cartas, jornais, filmes, vídeos, arquivos escolares, postagens em redes sociais, entre muitos outros. Para Flick (2004), o estudo documental possibilita ao pesquisador revelar a intencionalidade dos documentos, compreendendo quem o produziu, com que finalidade e para quem, buscando identificar informações verídicas que auxiliem na descoberta das circunstâncias em que o fenômeno se dá.

Imprescindível a triangulação das informações. Ela é tanto uma estratégia que auxilia na validade da pesquisa, quanto uma forma de obtenção de novos conhecimentos. É a comparação e

o contraste das informações levantadas (DENZIN, 1978) pela combinação das diferentes fontes e métodos de coleta. E o uso de múltiplos métodos asseguram o rigor metodológico e a compreensão mais profunda do fenômeno em investigação (DENZIN e LINCOLN, 2005).

Já a análise das informações tem por objetivo extrair temas. Com as informações em mãos, o pesquisador inicia o processo de descrição do que viu, ouviu e registrou, ou seja, os dados primários que ilustram a perspectiva dos pesquisados. A classificação ou separação de partes da descrição narrativa possibilita identificar padrões que se tornam categorias temáticas com base no estudo teórico realizado. Para Angrosino e Flick (2009, p. 93.), há duas formas principais de análise de dados: “descritiva (a busca de padrões) e teórica (a busca de significado nos padrões)”. A descrição desses significados e padrões devem ser refletidos à luz da bibliografia, da base teórica usada. Quando a amostra é pequena, bastante comum em estudos de práticas, esses padrões podem ser encontrados de forma manual, não demandando métodos estatísticos.

A descrição das informações organizadas em categorias vai gerar o relatório etnográfico, uma narrativa escrita em forma de prosa com a análise dos comportamentos e seus significados no dia-a-dia de interação social sob a perspectiva dos pesquisados.

Como a etnografia envolve uma interação muito estreita entre os pesquisadores e pesquisados, são necessários princípios éticos que orientem as relações interpessoais, protegendo a privacidade dos sujeitos de pesquisa bem como de danos físicos e psicológicos. Recomenda-se, ainda, o uso de códigos para as pessoas da prática pesquisada e que o pesquisador retorne ao grupo com as informações retiradas do estudo para conhecimento dos mesmos.

## **6. Considerações finais**

A Resolução CNE/CP n. 1, de 5 de janeiro de 2021, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica em seu Capítulo I, Artigo 3, VII, prega a indissociabilidade entre educação e prática social. Para a teoria da atividade Histórico-Cultural, essa prática é vista como atividade orientada. As práticas sociais estão presentes nas atividades que refletem valores, crenças e promovem visões de mundo. A prática social, sob os pressupostos adotados por este estudo, consiste em múltiplas relações que vão dar origem a ações que

produzem sentido para a experiência, para a atividade.

Então, os estudos que buscam a compreensão de um fenômeno, de uma atividade sob o olhar dos que dela participam, precisam inserir o pesquisador no ambiente em que a atividade ocorre a fim de compreender dimensões axiológicas, éticas e estéticas da prática social, apreendendo os significados que nelas são negociados e compartilhados.

A pesquisa etnográfica consiste em um olhar e ouvir o outro que exige do pesquisador um desprender de sua própria cultura, um permitir-se experimentar, para que possa verdadeiramente se situar no interior da prática observada, participando dela e assimilando concepções como se apresentam. Por isso, ela é tanto uma orientação teórica quanto metodológica.

Todo processo de pesquisa deve ser orientado por uma perspectiva teórica (BOGDAN e BIKLEN, 1982). O pesquisador, munido com um problema de pesquisa vinculado a suas bases teóricas, seleciona em campo as informações necessárias para que evidências possam ser geradas para a interpretação do problema. E sob o olhar etnográfico, ao anotar e observar grande quantidade de detalhes da prática, coleta narrativas, impressões, expressões características, contribuições de visão de mundo (MALINOWSKI, 1976), ele estará extremamente influenciado pelas suas escolhas teóricas. O pesquisador deve converter, “de maneira feliz, para a linguagem escrita, o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando experiência em texto” (PEIRANO, 2014, p.386), ou seja, ter a capacidade de articular as informações coletadas com a teoria que apoia o estudo.

Enfim, a intenção dessa reflexão não foi ensinar o fazer etnografia, mas um pensar nela como forma de desenvolver pesquisas sobre práticas sociais que busquem a compreensão da cultura do “outro”, a partir de um olhar de dentro, revelando aquilo que é dito e o que não é dito, descrevendo e analisando, sob a perspectiva teórica usada, a fim de encontrar respostas para problemas detectados.

Pesquisas qualitativas entendem que um fenômeno pode ser melhor compreendido quando estudado no contexto em que ocorre e a partir da perspectiva dos sujeitos nele envolvidos. Elas podem ser conduzidas de diferentes formas, mas aqui conversamos sobre a etnografia que, na perspectiva aqui adotada, busca descrever e compreender uma prática e o comportamento dos indivíduos enquanto membros dessa prática in situ, interpretando o processo por meio do qual os sujeitos lhe atribuem significados.

## 7. Referências

ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ATKINSON, P.; HAMMERSLEY, M. **Ethnography: Principles in Practice**. London: Routledge, 1983.

BARBOSA, Raoni Borges. Perspectivas e tradições do fazer etnográfico. **Anuário Antropológico** [Online], v.41 n.2 | 2016, disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/2379>; acesso em 10 de janeiro de 2022.

BASZANGER, I.; DODIER, N. Ethnography: relating the part to the whole. In: SILVERMAN, D. **Qualitative Research: Theory, Method and Practice**. 2nd. Ed. London: Sage, Cap2, p. 9-34, 1997.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (orgs). **O Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ERICKSON, F. **Qualitative methods in research on teaching**. In M. Wittrock (Ed.), **Handbook of research on teaching** (p. 119-161). New York: Macmillan, 1986.

DENZIN, N. **The research act**: a theoretical introduction to sociological methods. (2a ed). New York: Mc Graw-Hill, 1978.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (orgs). **O Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ed. Porto Alegre: Bookman, 2004

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós, 1997.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. 1ed., 13reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GHERARDI, S. Introduction: the critical power of the 'practice lens'. **Management Learning**, v. 40, n. 2, p. 115-128, 2009

GREEN, Judith L.; BLOOME, David. Ethnography and ethnographers of and in education: A situated perspective. In James Flood, Shirley Brice Heath & Diane Lapp (Eds.), **Handbook of research on teaching literacy through the communicative and visual arts** (pp.181-202). New York: International Reading Association & MacMillan, 1997.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica**. Trad. João Manuel Ribeiro Coelho e Sergio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LEONTIEV, Aléxis. O homem e a cultura. In: LEONTIEV, Aléxis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Horizonte Universitário, 2004.

\_\_\_\_\_. **Actividad, conciencia y personalidad**. Buenos Aires: Ciencias del Hombre, 1978.

\_\_\_\_\_. The Problem of Activity in Psychology. In: WERTSCH, J. V. (Ed.) **The concept of activity in soviet psychology**. New York: M. E. Sharpe. Inc. p. 37-71, 1981.

MAINARDES, Jefferson. Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **Pesquisa Social: Reflexões teóricas e metodológicas**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora Abril, 1976.

PAIXAO, Marcia Valéria. **Sentido e Participação na Atividade de Panificação das Mulheres do Empreendimento Econômico Solidário 8 de Junho sob a ótica da Teoria Social da Aprendizagem**. Tese de Doutorado. Curitiba: Universidade Positivo, 2014.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é Método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014

PLETNIKOV, Y. K. The place of the category of activity in the theoretical system of historical materialism. In: LEKTORSKY, V. P. (ed). **Activity: the theory, methodology and problems**. Orlando: Paul M. Deutsch Press. Inc., 1990, p. 41-47.

ROCKWELL, E. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. In EZPELETA, J. e ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez, 1986.

SARMENTO, M. J. O Estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N. et al. **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. cap.2, p.137-179

TEDLOCK, Dennis. A tradição analógica e o surgimento de uma

antropologia dialógica. **Anuário Antropológico/85**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

VYGOTSKI, L. S. **Mind in society: the development of higher psychological processes**. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

\_\_\_\_\_. **Thought and Language**. A. Kozulin, (Ed. and Trans.), Cambridge, MA: MIT Press, 1986

WERTSCH, J. V. (Ed.), **Culture, communication, and cognition: Vygotskian perspectives** (pp. 94-118). Cambridge University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **Voices of the mind: a sociocultural approach to mediated action**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.